



Perante a maior
das tentações, valerá
a pena resistir?

Um
DEMÔNIO
na CAMA

SABRINA JEFFRIES

Autora fenómeno de vendas
9 milhões de livros impressos em mais de 20 línguas

TOP
SEL
LER

Para as duas mulheres que desde o princípio foram essenciais para a minha carreira: Nicki Nuding, também conhecida como Super Editora, e Pamela Gray Ahearn, ou Super Agente. Agradeço enormemente terem usado os vossos superpoderes em meu benefício!

E para Claudia Dain, Deb Marlowe, Liz Carlyle, Caren Crane Helms e Roxanne Becnel — as melhores amigas que uma autora pode desejar. Obrigada por não me deixarem fazer disparates!

Prólogo

Eton College

1806

Lorde Jarret Sharpe, de 13 anos, não queria passar a noite no inferno. Ergueu os olhos para a lua pela janela da carruagem e estremeceu. Deviam ser perto das 20 horas — chegariam a Eton exatamente à hora em que os rapazes eram encerrados na Long Chamber. E começaria o inferno.

Puxou pela gravata preta e olhou para a avó. O que poderia dizer para a fazer mudar de ideias? Seis meses antes, levara-os para Londres para viverem com ela, longe de Halstead Hall, o melhor lugar do mundo. Agora, não mais o levaria consigo para a cervejaria. Obrigava-o a ir para aquela escola horrível. Tudo por causa de como a mãe e o pai tinham morrido.

Sentiu a alma gelada, como se algo dentro dele tivesse também morrido. Não conseguia comer, dormir... Nem sequer chorar.

Que tipo de monstro seria? Até mesmo o irmão mais velho, Oliver, chorara no funeral. Jarret quisera chorar, mas as lágrimas não surgiram. Nem mesmo tarde, de noite, durante os seus pesadelos, quando sonhava com o pai no caixão. Lera nos jornais como a bala «destruía o rosto do Senhor Marquês» e não conseguia esquecer aquela imagem. Além disso, estava ainda assombrado pela visão da mãe, rígida e pálida, deitada no caixão com o seu vestido branco a cobrir a ferida da bala. Sempre que pensava no motivo para o caixão do pai estar fechado, mal podia respirar.

— Diz ao Oliver que espero que me escreva todas as semanas, ouviste? — disse a avó.

— Sim, avó. — Sentiu uma dor aguda no peito. Secretamente acreditara ser o favorito da avó. Mas agora já não.

— E tu também, é claro — acrescentou ela, num tom suave.

— Não quero ir para a escola! — Explodiu. — Quero ficar em casa para ir todos os dias com a avó para a cervejaria — acrescentou rapidamente ao ver que as sobrancelhas dela se erguiam.

— Jarret, meu rapaz...

— Não, avó, escute! — Amarfanhou no colo as luvas do luto enquanto as palavras lhe saíam em catadupa. — O avô disse que seria eu a herdar a cervejaria, e já sei tudo sobre o fabrico da cerveja. Sei como o mosto é feito e quanto tempo é preciso para torrar a cevada. Sou bom a matemática, foi a avó que disse. Poderia aprender a tratar dos livros.

— Lamento, rapaz, mas não foi boa ideia. Foi um erro meu e do teu avô incentivarmos o teu interesse pela cervejaria. Não era o que a tua mãe desejava para ti, e estava coberta de razão. Casou com um marquês exatamente porque queria que os filhos fizessem coisas mais importantes do que perder tempo com uma cervejaria qualquer.

— É o que a avó faz — protestou ele.

— Porque sou obrigada. Porque é o vosso principal sustento, até que tudo esteja resolvido em relação aos bens dos vossos pais.

— Mas eu podia ajudar! — Desejava ser útil à família. A Cervejaria Plumtree seria muito melhor do que saber quem atravessara o Nilo ou conjugar verbos em latim; que utilidade poderiam ter essas coisas para ele?

— Podes ajudar mais com uma profissão respeitável, e essa só a podes obter em Eton. Nasceste para ser mais importante, advogado ou bispo. Posso até aceitar que entres para o exército ou para marinha, se quiseres.

— Não quero ser *soldado* — disse, horrorizado. Só a ideia de empunhar uma pistola dava-lhe voltas ao estômago. A mãe matara acidentalmente o pai com uma pistola. Em seguida, disparara sobre si mesma.

A história era muito confusa. A avó dissera ao jornal que, quando a mãe se apercebera de que matara o marido, ficara tão triste que disparara sobre si mesma. Não fazia sentido, mas a avó ordenara-lhes que não falassem a esse respeito, e ele obedecera. Nem sequer fizera perguntas.

Custava-lhe muito pensar que a mãe se tivesse suicidado. Como poderia ter deixado cinco filhos sozinhos? Se estivesse viva, haveria de permitir que ele tivesse professores em casa, para poder continuar na cervejaria com a avó.

Sentiu um nó na garganta. Não era justo!

— Não serás então soldado — disse a avó com benevolência. — Talvez advogado. Com a tua mente astuta, darias um bom advogado.

— Não quero ser advogado! Quero gerir a cervejaria com a avó!

Na cervejaria nunca lhe disseram coisas desagradáveis. Os cervejeiros tratavam-no como um homem. Nunca chamariam à mãe «a Assassina de Halstead Hall». Nunca contariam mentiras infames acerca de Oliver. Quando se apercebeu de que a avó o observava, suavizou a expressão que lhe invadira o rosto.

— Será que tudo isto tem a ver com as brigas que tens na escola? — perguntou a avó em tom preocupado. — O diretor disse-me que teve de te castigar quase todas as semanas por teres brigado. O que se passa?

— Não sei — murmurou.

A avó pareceu incomodada.

— Se os outros rapazes dizem coisas desagradáveis sobre os teus pais, posso falar com o diretor...

— Não, que raio! — gritou, em pânico ao aperceber-se de como a avó o lia tão bem. Não queria que falasse com o diretor... seria ainda pior!

— Não uses essa linguagem. Podes contar tudo à tua avó. É por isso que não queres voltar para a escola?

Jarret estendeu o lábio inferior.

— Não gosto de estudar, mais nada.

A avó observou-o com atenção.

— Quer dizer que és preguiçoso?

Jarret nada disse. Era melhor ser considerado cábula do que denunciar colegas.

A avó suspirou.

— Bom, o não gostares de estudar não é razão para voltares para casa. Os rapazes nunca gostam de estudar. Mas é bom para eles. Se te aplicares e trabalhares bem, vais vencer na vida. Não é isso que queres?

— Sim, avó — murmurou.

— Então tenho a certeza de que assim será. — A avó olhou pela janela da carruagem. — Ah, já chegamos.

Jarret sentiu a garganta apertada. Queria implorar-lhe que não o obrigasse, mas quando a avó decidia o que quer que fosse, ninguém a fazia mudar de ideias. Não o queria na cervejaria. Ninguém o queria, onde quer que fosse, nunca mais. Saíram da carruagem e encaminharam-se para o gabinete do diretor. A avó inscreveu-o enquanto um criado lhe transportava o baú para a Long Chamber.

— Promete-me que não vais entrar em brigas — pediu a avó.

— Prometo — disse ele, sem grande entusiasmo. Era mentira, mas que importância tinha? Nada tinha importância.

— É assim mesmo. O Oliver chega amanhã. Vais sentir-te melhor quando ele aqui estiver.

Jarret evitou uma resposta indelicada. Oliver tentava olhar por ele, mas não podia estar em toda a parte ao mesmo tempo. Além disso, aos 16 anos, Oliver estava sempre de mau humor e passava muito tempo a beber com os amigos mais velhos. E, nessa noite, não estaria presente.

Jarred estremeceu mais uma vez.

— Agora dá um beijo de despedida à tua avó — disse ela suavemente.

Obediente, o rapaz fez o que a avó lhe pediu, antes de subir as escadas. Mal entrou na Long Chamber ouviu as portas serem trancadas enquanto John Platt, uma verdadeira besta, se aproximava para lhe apalpar as malas.

— O que nos trouxeste desta vez, Cara Linda?

Jarret odiava a alcunha que Platt e os amigos lhe haviam dado por ser de baixa estatura e não ter pelos no queixo. Mas, aos 17 anos, Platt era uns trinta centímetros mais alto e muito mais malvado.

Platt encontrou o bolo de maçã envolto em papel, que a avó lhe mandara, e deu-lhe uma enorme dentada no meio, enquanto Jarret o observava, rangendo os dentes.

— Como é? Não te vais atirar a mim? — perguntou Platt abanando o bolo junto à cara de Jarret. Não valia a pena. Platt e os amigos iam bater-lhe, e acabaria mais uma vez em apuros.

Sempre que gostava de alguma coisa, tiravam-lha. Mostrar-se irritado só piorava a situação.

— Odeio bolo de maçã — mentiu Jarret. — A nossa cozinheira põe-lhe xixi de cão.

Teve a satisfação de ver Platt lançar um olhar cético ao bolo antes de o atirar a um dos seus estúpidos amigos. Jarret esperava que se engasgassem.

Platt virou-se e espreitou de novo para dentro da mala.

— O que temos aqui? — perguntou ao encontrar a caixa dourada com os baralhos de cartas que o pai oferecera a Jarret, como presente de aniversário.

O rapaz sentiu gelar-se-lhe o sangue. Pensava que escondera bem a caixa. Trouxera as cartas para a escola num impulso, pois queria ter algo que lhe recordasse os pais.

Assim sendo, foi mais difícil manter a calma.

— Não sei o que pretendes fazer com elas — disse, tentando falar num tom displicente. — Não podes jogar a dinheiro.

— Ora, sua doninha! — E agarrando Jarret pela gravata, Platt empurrou-o com tanta força que o deixou sem respiração.

O rapaz arranhava os dedos de Platt, tentando respirar, quando Giles Masters, filho de um visconde e irmão do melhor amigo de Oliver, arrancou a mão de Platt da gravata de Jarret.

— Deixa-o em paz — advertiu Masters, enquanto Jarret ofegava. Masters era muito alto, tinha 18 anos e um forte soco de esquerda.

— Ou quê? — perguntou Platt em voz lenta. — Ele dá-me um tiro? Como o irmão, que disparou sobre o pai para ficar com a herança?

— Isso é mentira! — gritou Jarret de punhos cerrados.

Masters pousou-lhe a mão no ombro para o acalmar.

— Deixa de o provocar, Platt. E devolve-lhe as cartas ou parto-te a cara.

— Não vais arriscar-te a ter problemas tão perto da matrícula na universidade — disse Platt pouco à vontade. Depois, olhou para Jarret. — Se o Cara Linda quiser as cartas terá de as ganhar a jogar *piquet*. Tens dinheiro para apostar, Cara Linda?

— O irmão não quer que ele jogue a dinheiro — respondeu Masters.

— Ah, mas que amor — troçou Platt com um sorriso escarninho. — O Cara Linda só faz o que o mano mais velho ordena.

— Por amor de Deus, Platt... — avisou Masters.

— Tenho dinheiro — interrompeu Jarret. Aprendera a jogar às cartas ao colo do pai e era bastante bom. Encheu o peito. — Jogo contigo.

Erguendo as sobranceiras, Platt sentou-se no chão para seleccionar as 32 cartas que compõem a base do *piquet*.

— Tens a certeza? — perguntou Masters, enquanto Jarret se sentava diante do seu arqui-inimigo.

— Podes confiar em mim — replicou Jarret.

Uma hora depois, reconquistara o baralho. Duas horas depois, ganhara 15 xelins a Platt. De manhã, ficara-lhe com mais cinco libras, para estupefação dos amigos do seu adversário.

Depois disso, nunca mais ninguém lhe chamou Cara Linda.

Capítulo Um

Londres
Março de 1825

Nos 19 anos que se seguiram àquela noite fatídica, Jarret acrescentara uns bons trinta centímetros à sua altura e aprendera a lutar, além de continuar a jogar, agora, como meio de vida.

Porém, nesse dia, as cartas eram apenas uma distração. Sentado a uma mesa, no escritório da casa da avó, na cidade, colocava as cartas para fazer paciências.

— Como podes jogar às cartas num momento destes? — perguntou Celia, sua irmã, do sofá.

— Não estou a jogar às cartas — respondeu calmamente. — Estou a fazer paciências.

— Sabes como é o Jarret — interveio Gabe, irmão de ambos. — Nunca se sente bem sem um baralho nas mãos.

— Queres dizer que nunca se sente bem a menos que seja ele a ganhar — comentou a outra irmã, Minerva.

— Então, agora não se deve sentir bem — comentou Gabe. — Ultimamente, perde.

Jarret endireitou-se. Era certo, e era um problema, tendo em conta que mantinha o seu luxuoso estilo de vida com os ganhos do jogo.

Por isso, Gabe aborrecia-o constantemente. Com 26 anos, o irmão tinha menos 6 do que ele e era irritante. Ele e Minerva tinham

cabelo castanho alourado e olhos verdes, do mesmo tom que os da mãe. Mas essa era a única característica que Gabe herdara.

— Não podes ganhar consistentemente uma paciência a menos que faças batota — disse Minerva.

— Nunca faço batota a jogar às cartas. — Era verdade, e se alguém ignorasse a sua incrível capacidade de controlar todas as cartas do baralho, havia quem o soubesse.

— Não acabaste de dizer que fazer paciências não é jogar às cartas? — gracejou Gabe.

Maldito! E para piorar as coisas, Gabe fazia estalar os dedos, dando-lhe cabo dos nervos.

— Pelo amor de Deus, para com esse barulho — pediu Jarret, irritado.

— Isto, queres tu dizer? — E, mais uma vez, estalou deliberadamente os dedos.

— Olha maninho, se não tomas cuidado, parto-te o queixo com os meus dedos — advertiu Jarret.

— Parem com isso! — Celia tinha os olhos castanhos cheios de lágrimas quando olhou para a porta do quarto da avó. — Como podem discutir quando a avó pode estar a morrer?

— A avó não está a morrer — disse a eminentemente prática Minerva. Quatro anos mais nova do que Jarret, não tinha o talento de Celia para o drama... Exceto em relação à ficção gótica que escrevia.

Além disso, tal como Jarret, Minerva conhecia a avó melhor do que a irmã mais nova. Hester Plumtree era indestrutível. A «doença» era, sem dúvida, um novo artifício para os obrigar a aceitar a sua autoridade.

A avó lançara-lhes um ultimato: todos teriam de casar dentro de um ano ou seriam deserdados. Jarret conseguiria fugir à ameaça, mas não podia obrigar os irmãos a viverem uma vida sem dinheiro.

Oliver tentara lutar contra tal decreto, porém surpreendera-os encantando-se e casando com uma americana. Mas a avó não ficara

satisfeita. Queria ainda o sacrifício dos outros netos. E restavam menos de dez meses.

Fora isso que, ultimamente, assustara um pouco Jarret, a tentativa da avó de o obrigar a casar com a primeira mulher que não recuasse perante a reputação de escândalo e libertinagem da família Sharpe.

Estava, pois, desesperado para ganhar o mais possível, de modo a poder sustentar os irmãos e poderem mandar a avó para o inferno.

Mas o desespero gerava o desastre nas mesas de jogo. O seu sucesso dependia de manter a calma e não se preocupar com o resultado. Só assim podia jogar com as cartas que lhe caíssem em sorte. O desespero faz um homem correr riscos baseado na emoção, e não na habilidade. E, recentemente, era o que lhe acontecia.

Que diabo pensava a avó obter obrigando-os a casar? Apenas mais casamentos infelizes, como o dos pais deles.

Mas Oliver não se sentia infeliz.

Oliver tivera sorte. Encontrara a mulher que lhe aturava o absurdo e a notoriedade. Era mínima a possibilidade de tal coisa acontecer duas vezes na mesma família. E quatro vezes? Abissalmente ínfima. A fortuna era tão inconstante na vida como nas cartas.

Com um impropério, Jarret levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Ao contrário do escritório de Halstead Hall, o da avó era arejado e cheio de luz, com móveis da última moda e um modelo em grande escala da Cervejaria Plumtree em destaque sobre uma mesa de pau-rosa.

Rangeu os dentes. Maldita cervejaria — a avó gerira-a com sucesso durante tanto tempo que se achava também capaz de orientar as vidas dos netos. Tinha de ser sempre ela a controlar tudo. Bastava olhar para o monte de papéis na sua secretária para perceber que aquilo se tornara demasiado para ela. Afinal, tinha 71 anos.

Porém, como era uma mulher obstinada, recusava-se a contratar um gerente, por muito que Oliver insistisse com ela.

— Jarret, escreveste a tal carta ao Oliver? — perguntou Minerva.

— Enquanto estavas na farmácia, o criado levou a carta ao correio.

Embora Oliver e a mulher tivessem ido para a América para visitarem os parentes, Jarret e Minerva queriam que ele tomasse conhecimento da doença da avó, na eventualidade de vir a ser grave.

— Espero que ele e a Maria se divirtam no Massachusetts — comentou Minerva. — Ele parecia perturbado naquele dia na biblioteca.

— Também tu ficarias perturbada, se pensasses ter causado a morte dos teus pais — comentou Gabe.

Fora outra surpresa de Oliver — a revelação de que ele e a mãe haviam discutido no dia da tragédia, o que a levava a sair raivosa em busca do marido.

— Pensas que o Oliver tinha razão? — perguntou Celia. — Teria sido *de facto* culpa dele a nossa mãe ter disparado sobre o nosso pai? — Celia tinha apenas 4 anos quando aquilo acontecera, por isso recordava-se de muito pouco.

Mas o mesmo não se passava com Jarret.

— Não.

— Porque não? — perguntou Minerva.

O que deveria contar-lhes? Tinha boa memória do que...

Não, não deveria fazer acusações sem fundamento a quem quer que fosse. Mas deveria falar-lhes da sua outra preocupação.

— Lembro-me bem do pai no piquenique a murmurar «On-de diabo vai ela?» Olhei para o outro lado do campo e vi a mãe a cavalgar em direção ao pavilhão de caça. Essa lembrança tem-me torturado.

Gabe seguiu o raciocínio de Jarret.

— Então, se ela tivesse ido à procura do pai, como o Oliver pensava, tê-lo-ia encontrado no piquenique. Não teria ido a outro sítio à procura dele.

— Precisamente — disse Jarret.

Minerva cingiu os lábios.

— O que significa que a versão dos acontecimentos dada pela avó pode estar correta. A mãe foi ao pavilhão de caça por se sentir perturbada e querer estar longe de todos. Depois, adormeceu, foi surpreendida pelo pai e disparou...

—... E matou-se quando viu que ele estava morto? — inquiriu Celia. — Não acredito. Não faz sentido.

Gabe lançou-lhe um olhar indulgente.

— Só por não queres acreditar que uma mulher possa ser tão imprudente que disparasse sobre um homem sem pensar.

— Eu certamente nunca faria tal coisa — retorquiu Celia.

— Mas tu adoras disparar e tens um respeito saudável pelas armas — comentou Minerva. A mãe não tinha.

— Exatamente — disse Celia. — Pegou então numa arma e, sem pensar no caso, disparou pela primeira vez naquele dia? Que ridículo. Já agora, como é que a carregou? — Todos olharam para ela. — Nenhum de vós pensou nisso, pois não?

— Podia ter aprendido — respondeu Gabe. — A avó sabe atirar. Só porque a mãe nunca disparou uma arma ao pé de nós, não significa que a avó não a tivesse ensinado.

Celia franziu a testa.

— Por outro lado, se a mãe se dispusesse a matar o pai deliberadamente como diz o Oliver, alguém a poderia ter ajudado a carregar a pistola... um moço de estrebaria, talvez. Depois, pode ter-se escondido à espera do pai perto do local do piquenique e seguiu-o até ao pavilhão de caça. Assim faz mais sentido.

— É interessante que menciones os cavaliços — disse Jarret. — Teriam de lhe selar o cavalo, e talvez soubessem onde ela ia, e quando. Talvez até tivesse dito por que queria o cavalo. Se pudéssemos falar com eles...

— A maioria deixou de trabalhar em Halstead Hall quando o Oliver fechou a casa — comentou Minerva.

— É por isso que penso contratar Jackson Pinter para os encontrar.

Celia soltou uma exclamação de desagrado.

— Podes não gostar dele — disse Jarret à irmã —, mas é um dos mais respeitados detetives da Bow Street. — Embora Pinter os estivesse a ajudar a explorar o passado dos seus potenciais cônjuges, não haveria qualquer razão para não se poder encarregar de outra missão.

A porta do quarto da avó abriu-se e o Dr. Wright entrou no escritório.

— Então? — perguntou Jarret ansioso. — Qual é o veredito?

— Podemos vê-la? — acrescentou Minerva.

— Na verdade, a vossa avó pede para ver Lorde Jarret — disse o Dr. Wright.

Jarret sentiu-se tenso. Com Oliver longe, era ele o mais velho. Não imaginava o que a avó poderia ter inventado para ele, agora que estava «doente».

— Ela está bem? — perguntou Celia, com uma expressão claramente alarmada.

— De momento, sente apenas uma pequena dor no peito. Pode não ser nada. — O Dr. Wright olhou Jarret nos olhos. — Mas precisa de se manter calma e descansar até que se sinta melhor. A sós — acrescentou, quando os outros se levantaram.

Com um leve assentir de cabeça, Jarret seguiu-o até ao quarto da avó.

— Não diga nada que a apoquente — murmurou o Dr. Wright, após o que saiu e fechou a porta.

Ao fitar a avó, Jarret susteve a respiração. Tinha de admitir que a avó não estava com o aspeto habitual. Apoiada nas almofadas na cama, não estaria moribunda, mas não apresentava boa cor.

Ignorou o aperto de medo que sentiu no peito. A avó estava apenas adoentada, sendo a doença apenas mais uma tentativa de controlar a vida dos netos. Mas teria uma bela surpresa se pensava que a tática que funcionara com Oliver serviria para ele.

Ela apontou para uma cadeira ao lado da cama, e Jarret sentou-se com alguma cautela.

— O idiota do Dr. Wright acaba de me dizer que tenho de ficar de cama um mês, no mínimo — resmungou. — Um mês! Não posso estar longe da cervejaria durante tanto tempo.

— Terá de ficar o tempo necessário para se pôr boa — disse Jarret, num tom evasivo, até ter certeza do que ela queria.

— A única maneira de eu ficar de cama um mês, sem fazer nada, é ter alguém de confiança que cuide das coisas na cervejaria. Alguém em quem eu confie. Alguém com interesse em que labore sem problemas.

Jarret sentiu-se gelado quando a avó lhe lançou um olhar arguto. Era então aquele o seu plano.

— Nem pense — negou-se, pondo-se de pé de um salto. Não queria ficar ao serviço da avó. Já era mau ela tentar ditar o quando ele deveria casar, quanto mais controlar-lhe completamente a vida.

A avó respirou com dificuldade.

— Uma vez imploraste por essa oportunidade.

— Isso foi há muito tempo. — Quando estava desesperado para arranjar um lugar para si. Logo se apercebeu que qualquer que fosse esse lugar, o Destino poderia arrebatá-lo a qualquer momento. As suas esperanças para o futuro despedaçadas com uma palavra,

os pais arrebatados num abrir e fechar de olhos, e o bom nome da sua família arruinado por despeito.

Nada na vida era certo. Assim, seria melhor que um homem viajassem sem bagagem, sem apegos e sem sonhos. Era a única maneira de evitar a decepção.

— Um dia vais herdar a cervejaria — afirmou ela.

— Só se todos conseguirem casar dentro de um ano — respondeu ele. — Mesmo supondo que eu a herde, vou contratar um gerente, que é o que a avó deveria ter feito há anos.

A avó franziu a testa.

— Não quero um desconhecido a gerir a minha cervejaria. — O argumento a que recorria constantemente começava a perder o efeito. — Se não quiseses fazê-lo, vou ter de encarregar o Desmond do assunto — acrescentou.

Jarret irritou-se. Desmond Plumtree era primo da mãe, um homem que todos desprezavam, especialmente ele. A avó já anteriormente ameaçara deixar a fábrica de cerveja àquele canalha e *sabia* o que Jarret pensava a esse respeito, por isso aproveitava agora o desagrado do neto por ele.

— Pois sim, ponha o Desmond à frente da cervejaria — disse Jarret, usando toda a sua força de vontade para não se deixar manipular.

— O Desmond percebe menos do negócio do que tu — comentou, irritada. — Além do mais, está ocupado com o seu empreendimento mais recente.

Jarret ocultou o seu alívio.

— Tem de haver alguém que perceba bem do negócio para assumir a gestão.

A avó tossiu para o lenço.

— Não confio em ninguém.

— E confia em mim para administrar a fábrica? — Soltou uma gargalhada cínica. — Lembro-me de a avó me dizer há uns anos

que os jogadores são parasitas da sociedade. Não a preocupa que eu possa sugar a vida da sua preciosa cervejaria?

A avó teve a delicadeza de corar.

— Só disse isso porque não suportava ver-te desperdiçar a tua inteligência nas mesas de jogo. Não é uma vida adequada a um homem como tu, especialmente por te saber capaz de muito mais.

»Tens tido algum sucesso com os teus investimentos. Não levarias muito tempo a dominar os assuntos da cervejaria. E eu estarei aqui para me consultares, caso precises de conselhos.

Jarret deteve-se ao escutar a nota melancólica na voz da avó. Parecia quase... desesperada. Semicerrou os olhos. Afinal, talvez pudesse fazer com que aquilo funcionasse a seu favor.

Sentou-se de novo.

— Se a avó quer que eu, de facto, administre a cervejaria por um mês, terá de me dar algo em troca.

— Vais receber um salário, e tenho certeza de que poderemos chegar a um acordo quanto ao montante.

— Não é dinheiro. Quero que a avó rescinda o seu ultimato.

— Inclinou-se para a olhar nos olhos. — Acabaram as ameaças de nos deserdar se não nos casarmos de acordo com as suas ordens. As coisas vão voltar a ser como eram antes.

A avó não desviou os olhos

— Isso não vai acontecer.

— Então, creio que terá de contratar um gerente. — Levantou-se e dirigiu-se para a porta.

— Espera! — exclamou ela.

Ele deteve-se e olhou-a com as sobrancelhas erguidas.

— E se eu rescindir só para ti?

Jarret reprimiu um sorriso. A avó devia sentir-se realmente desesperada, se estava disposta a negociar.

— Estou a ouvi-la.

— Vou mandar o Sr. Bogg alterar o testamento, para que herdes a cervejaria, aconteça o que acontecer — declarou com amargura.
— Podes ficar solteiro até ao dia da tua morte.

Valia a pena ter aquilo em consideração. Sendo dono da cervejaria, poderia ajudar o irmão e as irmãs, se eles não conseguissem cumprir os termos da avó até ao fim do ano. Ficariam por conta deles até a avó morrer, é claro, mas, depois, Jarret poderia sustentá-los. Seria uma situação melhor do que a atual.

— Não me importo nada.

A avó arrastou a respiração.

— Mas terás de concordar em ficar na cervejaria até ao fim do ano. Jarret ficou rígido.

— Porquê?

— Muitas pessoas dependem dela para a sua subsistência. Se estou a deixar-te o lugar, devo ter a certeza de que podes manter a fábrica rentável, mesmo se contratares um gerente para a administrar quando eu já não for deste mundo. Vais precisar de saber o suficiente para poderes contratar a pessoa certa, por isso quero uma garantia de que não vais dar cabo dela.

— Deus a livre de ter confiar no seu próprio neto para manter a fábrica a funcionar. — Mas a avó tinha razão. Desde há 19 anos que ele não punha os pés no local. O que perceberia ainda do negócio do fabrico da cerveja?

Podia aprender. E aprenderia, se fosse necessário, para que a avó deixasse de se intrometer na vida dos netos. Mas fá-lo-ia segundo as suas próprias condições.

— Tudo bem — disse. — Fico no cargo até ao fim do ano. Mas quero o controlo absoluto. Mantenho-a informada de como correm as coisas e a avó poderá expressar as suas opiniões, mas as decisões finais serão minhas.

Aquilo apagou o sorriso do rosto da doente.

— Vou gerir a Cervejaria Plumtree como me parecer melhor, sem interferências da sua parte — prosseguiu. — Mas a avó vai ter de pôr tudo isso por escrito.

O brilho de aço nos olhos azuis da avó informou-o de que ela não estava tão mal quanto parecia.

— Podes fazer grandes estragos num ano.

— Exatamente. Mas se a avó bem se lembra, a ideia não é minha.

— Então, deves prometer não implantar grandes mudanças.

Jarret cruzou os braços.

— Não.

A avó pareceu assustada.

— Pelo menos promete não que fazes investimentos de risco.

— Não. Ou me deixa o controlo total ou terá de contratar um gerente.

Era bom estar em vantagem. Jarret recusava-se a tê-la sempre atrás dele, escrutinando as suas decisões. Se ia administrar a fábrica, seria à sua maneira. E passado um ano, estaria livre para viver como lhe aprouvesse... E garantir que os irmãos também pudessem fazê-lo.

Não que a avó fosse aceitar os seus termos. Nunca cedera o controlo do que quer que fosse, nem por um dia. Certamente não o iria ceder ao parasita do neto durante um ano.

Por isso, foi com alguma surpresa que Jarret a ouviu dizer:

— Muito bem, vou satisfazer as tuas exigências. Vou passar tudo a escrito para te entregar amanhã.

O brilho nos olhos da avó fê-lo hesitar, mas foi tão breve que Jarret pensou tê-lo imaginado.

— Mas tenho uma ressalva — prosseguiu ela. — Terás de manter o Sr. Croft como teu secretário.

Jarret gemeu. O secretário da avó na cervejaria era um dos homens mais estranhos que ele já conhecera.

— Tenho?

— Sei que parece estranho, mas prometo-te que dentro de aproximadamente uma semana te sentirás feliz por poderes mantê-lo lá. É indispensável na cervejaria.

Bom, era um pequeno preço a pagar para ter a sua vida de volta. Definitivamente, fora ele a conseguir obter a maior vantagem no negócio.

Capítulo Dois

A Cervejaria Plumtree não era como Annabel Lake esperara. As cervejarias em Burton, a sua cidade natal, eram lugares pequenos e acolhedores a cheirar a lúpulo e a cevada torrada. A Plumtree cheirava principalmente ao carvão que movia o enorme motor para onde olhava boquiaberta. Alimentava longos ancinhos que se moviam num silêncio assustador, agitando o malte nas caldeiras de 12 metros de altura. A Lake Ale, a cervejaria do irmão, nada tinha àquela escala. Talvez se tivesse...

Não, o equipamento não era a causa da atual crise de Lake Ale. Eram, isso sim, os hábitos etílicos de Hugh.

— Senhora, o que está aí a fazer? — perguntou um trabalhador com braços da largura de troncos de árvore, que carregava um barril para um dos vagões.

Ela pegou na caixa, com cuidado para não agitar o conteúdo.

— Procuo a Sra. Hester Plumtree.

— Por ali. — O homem inclinou a cabeça em direção à escada que levava à galeria do primeiro andar.

Ao subir as escadas, observava tudo. O local era o sonho de um cervejeiro. O piso de ferro e as paredes de tijolo quase o tornavam à prova de fogo, e os tanques de cobre reluzentes eram da altura de dois andares. Que confuso seria medir o lúpulo para tudo aquilo.

Depois de ela, a cunhada Sissy e Geordie terem chegado à cidade naquela tarde, provara na estalagem a cerveja preta da Plumtree e tivera de admitir que era impressionante e *quase* rivalizava com a sua receita.

Esboçou um leve sorriso. *Quase...*

Com algumas manobras, abriu a porta no cimo da escada e entrou num outro mundo. Era evidente que era uma mulher quem geria a cervejaria. A parte exterior do escritório estava mobilada com elegantes sofás de riscas, cadeiras de noqueira e tapetes bonitos, mas resistentes. Annabel não imaginava que um homem se preocupasse com tais coisas.

Um funcionário louro e esbelto estava sentado à secretária de noqueira, no centro da sala, tão absorvido no trabalho que não se apercebeu da sua entrada. Annabel aproximou-se, mas ele continuou a cortar meticulosamente recortes de um jornal com uma navalha, fazendo cortes precisos ao longo de linhas que pareciam ter sido traçadas a régua.

Annabel pigarreou.

O rapaz saltou de forma tão exagerada que a cadeira caiu.

— Quem... O que...

Quando a viu, colocou um sorriso no rosto, de tal forma que mais parecia um crânio em repouso.

— O que deseja a senhora?

— Peço desculpa, não o queria assustar. Chamo-me Annabel Lake. Gostaria de falar com a Sra. Hester Plumtree, por favor.

O rapaz pareceu assustado.

— Valha-me Deus, não pode ser, isto é não é *possível*. Não é. A senhora não está disponível.

— Como pode ser isso? — Annabel sabia perfeitamente quando alguém se queria esquivar. Atrás dele havia uma porta. Só podia ser a da Sra. Plumtree e como o funcionário não dissera que

ela estava ausente, a mulher deveria estar escondida para evitar as visitas.

— Disseram-me que ela está aqui todos os dias do nascer ao pôr do sol e ainda não são três horas.

O homem pestanejou, apanhado desprevenido

— Bom, sim... É verdade, mas hoje não. A senhora terá de sair. Ninguém está autorizado a entrar. Ninguém. Deixe-me o seu nome e onde pode ser contatada para quando a Sra. Plumtree estiver disponível.

— Quanto tempo vai isso levar?

O pânico invadiu-lhe o rosto.

— Como hei de saber? — Torceu as mãos, lançando um olhar nervoso para a porta.

Que homem tão estranho.

Annabel suavizou o tom de voz, tentando colocá-lo à vontade.

— Por favor, é muito importante que eu fale com ela.

— Não, não, não, não, não... Está fora de questão. Totalmente fora de questão. Não é permitido. Ela está... Quer dizer... A senhora terá de ir! — Contornou a mesa, como se pretendesse acompanhá-la à porta.

Annabel não chegara até ali para ser expulsa por um funcionário estranho. Antes que o homem pudesse reagir, deu a volta à secretária, abriu a porta e entrou no outro escritório.

Sem sombra de dúvida, a pessoa por trás da mesa de mogno maciça não era uma mulher idosa. Estava ali sentado um homem da sua idade, ou um pouco mais velho, com cabelos negros e belas feições.

— Quem diabos é o senhor? — exclamou ela irritada.

O homem recostou-se na cadeira e soltou uma gargalhada.

— Pensava que eu é que teria de perguntar quem era a senhora.

O funcionário correu para a agarrar por um braço.

— Peço perdão, Lorde Jarret. — Tentou puxá-la para a porta. — Mas não sei por que razão a jovem senhora...

— Solte-a, Croft. — O homem levantou-se, com um brilho divertido nos olhos. — Eu trato do assunto.

— Mas Lorde Jarret, Vossa Senhoria disse que ninguém deveria saber que a avó de...

— Tudo bem. Eu trato disto.

— Oh... — Duas manchas rosadas surgiram no rosto do funcionário. — É claro. Com certeza. Se Vossa Senhoria acha que é seguro.

O homem riu.

— Se ela me morder ou deitar fogo à minha secretária, Croft, o senhor será a primeira pessoa que chamarei.

Croft largou o braço da jovem.

— Pronto, minha senhora. Fale com Sua Senhoria. Ele tratará do assunto. — Deslizou então para fora da sala, deixando-a sozinha com quem só poderia ser um dos netos de Hester Plumtree.

Meu Deus. Annabel ouvira Sissy falar dos escandalosos homens da família Sharpe. Ela que adorava os jornais de mexericos. Quando o homem se encaminhou para a porta, fechando-a firmemente atrás de si, sentiu um leve pânico, especialmente quando se voltou para a olhar de alto a baixo.

Desejou que ele não percebesse que trazia um vestido do ano anterior, mas não o podia evitar. Os tempos eram magros para a família Lake. Preferia não desperdiçar os poucos recursos em roupas quando podia poupar para que Geordie frequentasse uma boa escola, já que Sissy e Hugh não tinham dinheiro para tal.

Qual dos netos Sharpe seria? O mais novo, Lorde Gabriel, que era louco e a quem chamavam Anjo da Morte devido às suas imprudentes corridas a cavalo e por trajar sempre de negro?

Não, porque este homem usava um colete de veludo cor de camurça por baixo do casaco azul-escuro.

Poderia ser o mais velho, um notório libertino? Também não, naquela mesma manhã Sissy lera a notícia de que o Marquês

de Stoneville e a mulher estavam em lua de mel nos Estados Unidos.

Restava o neto do meio, de cujo nome não se lembrava. Era um jogador e, provavelmente, um patife diabólico como os irmãos. Nenhum homem poderia ter as feições do David de Miguel Ângelo sem atrair muitas mulheres. E aqueles olhos, sobrenaturais, que, com os artifícios da luz, mudavam de um azul maravilhoso para um verde igualmente maravilhoso. Homens tão bonitos como aquele aprendiam rapidamente a tirar proveito da sua boa aparência sempre que o desejassem. Daí que fossem patifes.

— Terá de perdoar o Sr. Croft — disse em tom baixo, inclinando-se sobre a superfície desordenada da secretária. — A minha avó ensinou-o a impedir invasões a qualquer custo, Sra....

— Menina — corrigiu-o automaticamente. Quando viu um sorriso voraz nos lábios carnudos do homem, lutou contra um arrepio repentino que lhe percorreu a espinha. — Menina Annabel Lake. Sou cervejeira, Lorde...

— Jarret. Jarret Sharpe — disse com uma expressão severa.

Aquilo era habitual, pensou cinicamente. Os homens que administram grandes cervejarias pareciam nada fazer além de desprezar os cervejeiros do sexo feminino. Fora para não ser corrida que quisera falar primeiro com a Sra. Plumtree.

— Suponho que tenha vindo à procura de emprego — disse Jarret num tom frio. — Foi certamente a minha avó que a enviou.

— Como? Não! Por que haveria de me enviar? Nem a conheço. Jarret olhou-a com cautela.

— Perdoe-me. As cervejeiras são bastante raras nos dias de hoje, mas as jovens, solteiras, e bonitas... Bom, apenas parti do princípio que a minha avó voltara a servir-se dos seus truques.

— Truques?

— Não importa. Não é importante.

— Peço desculpa, mas se eu pudesse falar com a Sra. Plumtree.

— Impossível. De momento a minha avó está... indisponível.

Annabel começava a odiar essa palavra.

— Mas, certamente, voltará em breve?

Ouvindo a nota de esperança na voz da jovem, Jarret suavizou a expressão.

— Não durante algum tempo. Ela vai passar o próximo ano a tratar de questões familiares.

Um ano! Um ano depois, os credores estariam a desmontar a Lake Ale peça por peça.

Jarret terá sentido a angústia dela, pois acrescentou:

— Mas deixou-me a gerir a fábrica, talvez eu possa ajudá-la.

Ela? O que teria passado pela cabeça daquela avó? Como poderia uma mulher com um lendário discernimento comercial ceder a sua empresa a um patife?

Annabel observava-o, tentando determinar se poderia confiar nele. Para um cavalheiro dado a atividades sedentárias, era um belo corpo que preenchia o casaco e as calças. Mas que homem usaria roupas tão finas numa cervejaria?

Um homem que nada percebesse do negócio, evidentemente. Um homem que provavelmente estava ali para se divertir, o que significava que de pouco lhe serviria. Mesmo assim, não tinha escolha. Agora era ele quem mandava. E ela e Sissy tinham vindo de tão longe.

Acalmou-se e ergueu a caixa.

— Estou aqui em nome do meu irmão doente para propor um negócio.

Jarret arqueou uma sobrancelha negra finamente desenhada.

— Que tipo de negócio? E quem é o seu irmão?

— Hugh Lake. É o dono da Lake Ale em...

— Burton-upon-Trent. Sim, já ouvi falar.

Ela pestanejou.

— A sério?

Recostando-se, Jarret folheou uma pilha de papéis até encontrar uma folha com notas rabiscadas.

— O seu pai, Aloysius Lake, fundou-a em 1794, e o seu irmão herdou-a há alguns anos, quando o seu pai faleceu. As suas especialidades são cerveja preta, *porter* e cerveja comum. — Ergueu os olhos e deu com ela boquiaberta, a olhar para ele. — Tento sempre saber algo sobre a concorrência.

Afinal, o homem não era apenas uma cara bonita.

— Na verdade, estou aqui porque a Lake Ale preferia ser vossa sócia e não uma concorrente.

Com uma expressão dúbia, Jarret cruzou os braços sobre o peito impressionante.

— De acordo com as minhas informações, a Lake só produz cinquenta mil barris por ano. Não percebo o que poderia fazer por nós.

Annabel não sabia o que mais a chocara — se o conhecimento do nível de produção da Lake Ale ou se o facto de Jarret falar com ela de igual para igual. Fora gratificante não lhe ter sugerido que fosse para casa ou que mandasse chamar o irmão. Mas, provavelmente por causa da avó, estaria habituado a que as mulheres entendessem de tais assuntos.

— Antes de me explicar, gostaria que provasse isto. — Pousou a caixa sobre a secretária e retirou de lá a preciosa carga, uma garrafa de cerveja e um copo. Abriu a cerveja e encheu o copo até meio, com cuidado para não deixar muita espuma.

Quando Annabel lhe ofereceu a bebida, Jarret olhou-a de soslaio.

— Pensa envenenar a concorrência?

Ela soltou uma gargalhada.

— Nem por isso. Mas se ficar mais descansado, bebo um pouco primeiro. — E foi o que fez enquanto ele lhe olhava para a boca. Não havia dúvidas quanto ao brilho dos seus olhos enquanto observava como a língua dela lambia a espuma dos lábios.

— É a sua vez — disse Annabel friamente, estendendo-lhe o copo, à espera de um comentário malicioso sobre a sua boca antes de avançar com sugestões que nada tivessem a ver com o fabrico da cerveja.

Mas, pelo contrário, Jarret ergueu o copo para examinar o líquido ambarino.

— É uma cerveja branca?

— Sim. Fabricada em outubro

— Ah. Cor clara, agradável. — Girou o copo e, a seguir, inspirou profundamente para sentir o aroma. — Aroma agressivo do lúpulo. Algumas notas frutadas.

Enquanto ele bebia, Annabel dava voltas ao anel da mãe que usava num dedo. Sempre lhe trouxera sorte e era por isso que nunca o tirava, nem mesmo na cervejaria.

Os olhos dele tomaram uma cor azul-cobalto enquanto mantinha a cerveja na boca por breves segundos antes de a engolir. Tomou um novo gole, como que para confirmar as suas impressões.

Depois, esvaziou o copo.

— Muito boa. Encorpada, com um belo travo amargo no final. Também não tem demasiado malte. Fabrico da Lake Ale?

Annabel soltou um suspiro de alívio.

— Sim. Fabriquei-a eu mesma.

Jarret endireitou-se, ficando consideravelmente alto em comparação com o pouco mais de metro e meio de Annabel.

— Mesmo assim, ainda não percebo como isso possa dizer respeito à Plumtree.

— Quero que me ajude a vendê-la.

Retomando os seus modos de negociante, entregou-lhe o copo.

— Vou ser sincero consigo, menina Lake. Esta não é a melhor ocasião para novos empreendimentos no negócio da cerveja. Com o mercado russo a decrescer...

— É exatamente por isso que aqui estou. Com a doença do meu irmão, também temos tido dificuldades. Mas posso ajudar ambas as empresas a compensar a perda dos russos. — Guardou o copo na caixa, mas deixou a garrafa de cerveja na secretária. — Já ouviu falar da Cervejaria Hodgson?

— Claro. Domina o comércio da Índia.

— Não desde que se juntou a Thomas Drane. Decidiram cortar com a Companhia das Índias Orientais e fazem o embarque diretamente por conta própria.

Jarret arregalou os olhos.

— Idiotas.

— Exatamente. Ninguém faz uma coisa dessas e obtém lucro.

Embora a Companhia lucrasse com os produtos indianos trazidos para Inglaterra, permitia que os seus capitães obtivessem lucro com os artigos que levavam para a Índia e vendiam aos ingleses lá residentes. A cerveja transformara-se no principal produto que os capitães transportavam em privado, principalmente a de outubro fabricada pela Hodgson. A cervejaria cortara com os capitães e sofria agora com essa decisão.

— A Hodgson deixou também de vender a crédito e subiu os preços — continuou a jovem. — Assim, os capitães da Companhia das Índias Orientais decidiram cortar com a Hodgson e encontrar um fabricante de cerveja que lhes preparasse o mesmo tipo de cerveja. Escolheram a cervejaria Allsopp em Burton. A primeira remessa saiu há dois anos, e recebeu elogios incríveis. É um mercado enorme e a Cervejaria Lake quer explorá-lo. Mas precisamos de ajuda.

— A minha avó tentou há anos competir no mercado da Índia, sem sucesso.

— Tentou vender a cerveja de outubro da Plumtree, não é verdade? Jarret hesitou, depois assentiu.

— Descobrimos que a água de Burton produz uma cerveja de outubro melhor do que a água de Londres. A Allsopp está a guardar metade da produção de cerveja branca para a exportar para a Índia. Eu podia fazer o mesmo se os capitães da Companhia das Índias Orientais aceitassem negociar com a Lake, mas não aceitam, por causa da... doença do meu irmão — deteve-se, pois ia chamar-lhe instabilidade. — E por eu ser mulher. Não confiam em nós para exportar e, sem compradores, não me atrevo a iniciar a produção. É por isso que preciso de si.

Jarret semicerrou os olhos.

— Quer que eu venda a sua cerveja aos capitães da Companhia? Annabel sorriu-lhe.

— Exatamente. Poderia ser vantajoso para ambos, compensando-nos das perdas que ambos sofremos desde que os russos subiram os impostos sobre a cerveja inglesa.

— O que a leva a pensar que sofremos perdas? — inquiriu.

— Todas as cervejarias sofreram, e o senhor sabe disso muito bem. Desviando o olhar, Jarret passou a mão pelo queixo.

— É uma proposta interessante.

— Vai então tê-la em consideração?

Ele olhou-a nos olhos, cheio de remorso.

— Não.

Annabel ficou desiludida. A Cervejaria Plumtree fora a sua única esperança!

— Porque não?

— Para começar, cheguei aqui apenas há uma semana e ainda estou a avaliar a situação. Por isso, não vou lançar-me numa

experiência imprudente e, ainda menos, porque uma jovem cervejeira apareceu com um esquema disparatado...

— Não é um esquema disparatado! — E tendo quase 30 anos, Annabel não era tão jovem. Era o problema de ser baixa, confundia as pessoas acerca da sua idade. — Pergunte a quem quiser acerca do sucesso da Allsopp. Tenho a certeza de que outros cervejeiros em Londres o terão notado. E fabrico uma excelente cerveja de outubro, o senhor acabou de o admitir!

— Há outros fatores — disse ele no tom condescendente que Annabel estava habituada a ouvir em Burton da parte dos donos de cervejaria do sexo masculino.

Annabel ergueu o queixo.

— O que o senhor quer dizer é que eu sou mulher.

— Quero dizer que a senhora é *cervejeira*, e os cervejeiros não veem além do seu próprio nariz. Conseguem criar uma cerveja superior e pensam que isso basta. Mas há fatores além da qualidade da cerveja. Tenho a certeza de que o seu irmão o sabe e foi por isso que não veio em pessoa.

— Não veio porque está doente — exclamou ela.

— Então, certamente a fez acompanhar de uma carta de apresentação a colocá-la como sua representante.

Annabel engoliu em seco. Claro que não o fizera. Hugh pensava que ela e Sissy estavam em Londres a procurar escolas para Geordie.

— Estava demasiado doente para o fazer.

Lorde Jarret limitou-se a arquear uma sobrancelha.

Exasperada, a jovem tentou outra tática.

— Para um homem que joga tanto, o senhor é extremamente cauteloso quando se trata de investir.

Os lábios de Jarret contraíram-se.

— Vejo que a minha reputação me precede.

— Dado que passa o seu tempo a escandalizar a sociedade, espera certamente que as pessoas falem de si. Embora não consiga imaginar porquê. Se hesita diante de um investimento seguro como este, não deve ser um jogador imprudente ou corajoso.

Para grande aborrecimento de Annabel, Jarret esboçou um sorriso, expondo não uma, mas duas covinhas.

— Minha cara menina Lake, essa tática pode funcionar com o seu infeliz irmão, mas eu tenho duas irmãs. Não será tão fácil convencer-me. Já estou calejado com essas coisas.

Maldito! Logo tinha de ser tão... tão *homem*.

— A sua *avó* aperceber-se-ia dos possíveis lucros deste plano.

O sorriso desapareceu. Jarret pareceu pairar sobre ela do alto do seu metro e oitenta.

— De momento não é a minha avó que gere a empresa. Mesmo assim, duvido que aprovasse.

Annabel tentou não se intimidar com a altura dele.

— Como sabe, se não lhe perguntou?

— Não preciso de lhe perguntar.

— Disse-me que só está aqui há uma semana, e que ainda avalia as coisas. — Tentou olhá-lo de cima abaixo, mas a sua altura apenas permitia olhá-lo de baixo para cima. — Sabe que pode estar enganado. Pelo menos gostaria de ouvir da boca dela que a Cervejaria Plumtree não está interessada.

— Impossível. No momento, ela está...

— Indisponível, já sei. Muito conveniente. — Olhou para ele. — O senhor ignora uma ótima oportunidade para ganhar dinheiro porque não quer incomodar-se. Gostaria de saber o que pensaria a sua avó se ouvisse isso.

— As ameaças não funcionam comigo, menina Lake. Se me dá licença...

Ao vê-lo dirigir-se a porta, o pânico invadiu-a.

— A Lake Ale está numa posição precária — exclamou. — Peço apenas que apresente a minha proposta à sua avó. Será assim tão difícil? Se a Lake Ale falir, quarenta homens perderão o emprego. A minha família vai sofrer, e...

— Oh, pelo amor de Deus. — Jarret virou-se para ela. — Se eu falar à minha avó na sua proposta, a senhora fica satisfeita?

Annabel sentiu a esperança dentro dela.

— Sim. Embora talvez fosse melhor se *eu*...

— Nem pensar. Esta noite apresento a ideia à minha avó. Mas se ela se recusar a pô-la em prática, como tenho a certeza de que fará, a senhora aceita a resposta como definitiva. Combinado?

Annabel hesitou, depois assentiu. Afinal, ele não lhe dera alternativa.

Jarret abriu a porta.

— Volte amanhã e informá-la-ei da resposta da minha avó. Muito bom dia, menina Lake.

Annabel mordeu o lábio para não protestar contra uma despedida tão sumária, mas nada mais conseguiria dele; teria simplesmente de acreditar que manteria o prometido.

Porém, enquanto descia as escadas, duvidava que o fizesse. Parecia decidido a recusar o plano que ela lhe apresentara. Nem sequer tinha conhecimento da desastrosa situação da Hodgson! Pensaria, provavelmente, que ela exagerava.

Mas se falasse com a avó, saberia...

Annabel suspirou. Era um grande *se*.

À saída da cervejaria, encontrou-se com Sissy e Geordie, que a esperavam nos degraus. Sissy pôs-se de pé num salto, assim que Annabel se aproximou e o capuz da capa caiu para trás expondo os seus belos caracóis loiros.

— E então? — perguntou, esperançosa. — O que disse a Sra. Plumtree?

Annabel suspirou.

— Não estava. Falei com o neto.

— Conheceste um dos famosos Demónios de Halstead Hall?

— Os olhos azuis de Sissy brilharam de emoção. — Qual deles?

— Lorde Jarret.

— O jogador? É tão bem-parecido como dizem? Tem um ar de devasso?

— Pensando bem, creio que não.

Era estranho, tendo em conta as histórias escandalosas que contavam acerca dele: como certa vez jogara dois dias seguidos sem dormir; como perdera mil libras apenas numa hora... como mudava de mulher com a mesma frequência que mudava de ceroulas.

O que não era surpreendente, pois tinha olhos da cor do mar e um sorriso indolente que provocava arrepios em qualquer mulher. Não que tivesse esse efeito sobre *ela*. De modo algum.

— Lorde Jarret tem um certo ar de patife — disse Annabel num tom decidido.

— Então, por que será que a avó permite que ele administre a cervejaria?

— Porque é homem, claro. Deu-me poucas esperanças de que ela se interessasse pela minha proposta, mas prometeu falar-lhe do assunto.

— Achas que o fará?

— Não sei. É um homem irritante e arrogante. Não tenho grande confiança no que vá fazer. Agiu como se eu me estivesse a impor, quando afinal apenas sugeri uma maneira perfeita de a empresa dele ganhar dinheiro.

— Só que não devia dizer-lhe o que fazer, tia Annabel — interrompeu Geordie. — É como o meu pai diz sempre, as mulheres...

— Sei perfeitamente o que o teu pai diz.

Que a cervejaria não era assunto para mulheres e que, se ela deixasse de lá ir, talvez arranjasse um homem que quisesse casar com ela.

Annabel desejou sinceramente que Hugh não dissesse tais coisas diante de Geordie. Agora o rapaz concordava com aquelas opiniões. Afinal, Hugh *conhecia* a razão para ela não querer casar. Teria de deixar Geordie. E como poderia fazer tal coisa?

Geordie era filho dela.

Claro que Geordie não sabia. Não sabia que Rupert, o noivo de Annabel, o gerara e que Annabel o dera à luz pouco depois de Rupert ter morrido na guerra. Geordie crescera acreditando que ela era sua tia. E Annabel nada podia fazer a esse respeito — pois queria-o livre do estigma da bastardia.

Mas, naturalmente, assegurara-se de que ele era amado e cuidado, mesmo chamando mãe a outra mulher.

Sufocou, como sempre, um soluço que lhe apertava a garganta. O filho crescia rapidamente. Um dia, ela, Sissy e Hugh teriam de lhe contar a verdade. Quando ele era pequeno, tinham decidido que seria melhor manter segredo, receando que o confessasse a alguém. Mas, ultimamente, Sissy defendia que lhe deveriam contar. Era chegado o momento.

E era, mas não suportava ter de o fazer. Geordie ficaria magoado quando percebesse que toda a sua vida era uma mentira, que o seu verdadeiro pai estava morto e que a sua verdadeira mãe era uma devassa. Depois, culpá-la-ia, e ela poderia perdê-lo para sempre. Não podia arriscar. Ainda não. Pelo menos, até resolver as coisas com Hugh.

Franziu a testa, zangada. Não sabia o que fazer em relação a Hugh, cuja situação era cada vez mais desesperada. Quanto mais melancólico ficava, mais bebia e menos se importava com a cervejaria. Tinham mantido segredo até ali, mas, por fim, as pessoas iriam descobrir que ele perdia dias de trabalho e compromissos

com fornecedores importantes por beber até ficar inconsciente no escritório ou em casa.

— Devia dar ouvidos ao meu pai — disse Geordie no tom pomposo que adotara depois de ter feito 12 anos. — Sabe que ele só quer ajudá-la a arranjar marido antes que fique velha demais.

— Geordie! — gritou Sissy. — Não sejas indelicado.

— De qualquer forma, Geordie, não quero um marido — disse Annabel em tom cansado.

Era mentira. Annabel queria casar, ter filhos e casa própria, como qualquer outra mulher. Mas que homem a aceitaria quando soubesse que não era casta? E mesmo que algum homem fosse compreensivo em relação ao seu amor juvenil por Rupert, não aceitaria um bastardo. Ela teria de deixar Geordie, para o poupar à crueldade de o considerarem ilegítimo.

Não o suportaria.

E ela não desejava que Sissy e Hugh, que tão bons tinham sido para com ela, sofressem com um escândalo. Outras famílias tê-la-iam abandonado completamente, por causa do seu... erro.

— Então, o que fazemos? — perguntou Sissy.

— Não temos outra alternativa senão esperar até amanhã para saber se Lorde Jarret cumpre o prometido. Embora fosse muito melhor poder falar com a Sra. Plumtree em pessoa.

— Por que não há de poder? Com certeza seremos capazes de descobrir onde ela mora.

— Se pudéssemos descobrir... — Pensou no que Lorde Jarret lhe dissera. — De qualquer forma, não tenho a certeza de que esteja em casa. O neto disse qualquer coisa como tratar de questões familiares. Pode estar em qualquer parte.

— Bom, se ele for consultá-la, terá de ir onde ela está, não é verdade? Podemos segui-lo.

Annabel olhou para Sissy boquiaberta e, depois, abraçou-a.

— És fantástica! Sim, é o que faremos. Ou melhor, o que eu farei. Ele com certeza há de notar se formos os três a segui-lo. Não vai reparar numa mulher.

— Devia deixar que fosse *eu* — disse Geordie, enchendo o peito.

— De maneira nenhuma! — disseram Sissy e Annabel em uníssonos. E a seguir soltaram uma gargalhada.

Estavam sempre de perfeito acordo quando se tratava de Geordie. Annabel não podia desejar melhor mãe para o seu filho. Sissy e Hugh tinham outros filhos que, de momento, estavam com a mãe de Sissy em Burton, mas a cunhada nunca tratava Geordie de forma diferente dos outros.

Outra mulher poderia sentir-se melindrada com uma cunhada que lhe desferisse semelhante golpe um ano após o seu casamento, mas não Sissy. Idealizou um plano, dizendo a todos que ela e Annabel iam para o norte ajudar uma prima que sofria de uma longa enfermidade. Sissy chegou ao ponto de escrever cartas para a família na cidade a dizer que esperava um bebé. Depois, acolheu a criança com uma alegria absoluta, recebendo também na família a infeliz Annabel.

Annabel adotou então o papel de tia, e ajudou a tomar conta das crianças quando não estava na cervejaria a tentar substituir Hugh.

— Geordie — disse Sissy, despenteando o cabelo castanho do menino. — Vamos deixar a tia Annabel tratar deste assunto, sim?

— Ai, mãe, pare com isso! — Afastou a mão de Sissy com uma carranca. — Sabe que já não sou uma criança, não sabe?

— Oh! Já és um grande homem! — troçou Annabel.

— *Sou* um homem! — ripostou, fazendo-lhes cara feia e nessa altura parecia-se com Hugh. — É o que o pai diz.

— Muito bem — declarou Annabel. — Podes então tomar conta da tua mãe e levá-la para a estalagem. — Felizmente estavam hospedados ali perto. — Vou ficar aqui.

— Sozinha? Até anoitecer? — questionou Sissy, com algum temor na voz.

— Não vai haver problema. Lorde Jarret sairá certamente dentro de uma ou duas horas, pois não deve ser muito trabalhador. Há muitas lojas nesta rua que me proporcionam vista para a cervejaria. Vou demorar-me nelas até o ver sair. Prometo ter cuidado — acrescentou, pois Sissy ainda parecia preocupada.

— Pelo menos fica com a minha capa. — Sissy despiu o agasalho e entregou-lho. — Se a mantiveres abotoada e puseres o capuz na cabeça, talvez ninguém perceba que és uma mulher. Como és baixa, cobrirá até a parte inferior das tuas saias.

Pelo menos ficaria protegida do frio cortante que se fazia sentir assim que o sol se punha.

— Pode levar algo tempo, sabes — disse, enquanto tirava a touca e a entregava a Sissy, para vestir a capa. — Quando descobrir onde está a Sra. Plumtree, terei de entrar para falar com ela.

— Depois de terminares, volta de carruagem — Sissy meteu-lhe algum dinheiro na mão, juntamente com a chave do quarto da pousada. — Não penses em voltar para a estalagem a pé.

Annabel olhou para as moedas e sentiu um aperto na garganta.

— Lamento ter-te arrastado para isto. Lamento que o meu irmão...

— Chiu — disse Sissy em surdina. A culpa não é tua. De qualquer forma, o Hugh é bom homem quando não está... em baixo. — Lançou um olhar furtivo a Geordie, que escutava com a habitual avidez. — Tenho a certeza de que serás capaz de convencer a Sra. Plumtree a ajudar-nos e, se conseguires arranjar uma solução para a Lake Ale, talvez o Hugh saia daquele estado melancólico.

— Resta-nos ter esperança — disse Annabel enquanto guardava o dinheiro e a chave no bolso da capa.

Era aquele o plano delas, embora fosse deficiente. Hugh parecia interessado no mercado indiano, sempre que ela o mencionava,

mas bebia demasiado para conseguir tratar da questão. Ela e Sissy esperavam apresentar-lhe o plano como facto consumado quando a Cervejaria Plumtree concordasse em fazer o negócio. Talvez nessa altura ele despertasse para fazer o esquema dar frutos. Deveria bastar para mudar a situação da Lake Ale, ou para, pelo menos, levantar o ânimo de Hugh.

Obtiveram a bênção do gerente da cervejaria e Annabel esperava conseguir a ajuda da Sra. Plumtree, apesar do que o seu arrogante neto afirmara.

Endireitou os ombros. Obteria a ajuda da mulher com ou sem a aprovação de Lorde Jarret, pois poderia ser essa a única maneira de garantir a sobrevivência da família.



Jarret Sharpe é um dos mais diabólicos demónios de Halstead Hall.

Jarret ainda não perdoou a avó, a magnata Hester Plumtree, dona da cervejaria com o seu nome. Obrigou-o a sair ainda jovem de casa para um colégio interno, e por isso vive uma vida de devassidão e libertinagem, longe dos valores que ela lhe tentou incutir. Ganha todo o seu dinheiro a jogar às cartas e deita-se com qualquer mulher bonita que lhe dê essa hipótese.

Annabel Lake é uma jovem disposta a tudo para salvar o negócio da família.

Annabel também está envolvida no negócio da cerveja, e precisa de alguém com mais meios e influência para negociar em favor da sua cervejaria. A Lake Ale está em apuros, gerida de forma ruínosa pelo seu irmão, que tem graves problemas de alcoolismo.

Como poderá Annabel convencer Jarret a ajudá-la?

Annabel faz-lhe uma proposta. Se ela o vencer num jogo de cartas, ele tem de a ajudar. Jarret, espicaçado pelo desafio, aceita. Mas o que quer em troca não é uma recompensa comum.

**Como bom demónio que é, exige «apenas»
que Annabel passe uma noite na sua cama.**

Conheça a história de
Oliver Sharpe, o irmão
mais velho de Jarret:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-39-3



9 789898 917393

Ficção Romântica